



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12569 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT20 - Psicologia da Educação

A ESCOLA DE ENSINO MÉDIO NAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ESTUDANTES
Laêda Bezerra Machado - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco
Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

A ESCOLA DE ENSINO MÉDIO NAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ESTUDANTES

*

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, fruto de uma pesquisa mais ampla, abordamos as representações sociais de escola, construídas por estudantes matriculados no primeiro ano de ensino médio.

Segundo Jodelet (2005), as representações sociais são construídas no cotidiano e se manifestam por meio de saberes práticos dos sujeitos, na expressão de suas identidades, nas tradições e culturas. Acrescenta que: “as representações são um guia para as ações sociais” (JODELET, 2005, p.135)

O interesse para realizar o estudo que deu origem a este texto foi outra pesquisa de nossa autoria (-----), que revelou a diversidade e experiências dos estudantes egressos de escola pública de ensino médio. Conforme a referida investigação, nas representações sociais de estudantes universitários a escola pública de ensino médio foi decisiva para sua formação cidadã e ocupa centralidade em suas trajetórias estudantis. O contexto de construção dessas cognições sociais demonstrou a diversidade e complexidade desse ensino para jovens e adolescentes.

Sabemos que, na história da educação brasileira, o ensino médio tem sido alvo de

inúmeros debates tanto no que se refere a sua oferta e qualidade como em relação aos jovens que a ele têm acesso ou que dele foram excluídos. Conforme Krawczyk e Ferratti (2017), quanto a sua finalidade o ensino médio sempre foi objeto de discussão porque ora profissionaliza, ora assume função propedêutica.

Em Pernambuco o ensino médio tem sofrido mudanças desde 2008, em decorrência do Programa Educação Integral (PEI), regulamentado pela Lei complementar nº 125, de 10 de julho de 2008. O Programa tem como uma das suas principais finalidades “integrar as ações desenvolvidas nas escolas de educação integral, oferecendo atividades que influenciem no processo de aprendizagem e enriquecimento cultural” (PERNAMBUCO, 2008).

Sobre a produção do conhecimento acerca da escola de ensino médio, um levantamento bibliográfico no banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior (CAPES) indicou tratar-se de uma temática estudada há mais de 30 anos, com maior concentração nas duas últimas décadas. Os principais enfoques dessas pesquisas são: a relação professor-aluno, fracasso e dificuldades de aprendizagem e o ensino médio noturno.

Os trabalhos referentes à relação professor-aluno abordam a afetividade como elemento crucial a qualidade do desempenho escolar. O segundo grupo de trabalhos destaca as dificuldades enfrentadas por alunos do ensino médio e suas consequências, como a reprovação e o fracasso escolar. Como fatores determinantes para esse fracasso ressaltam a falta de adaptação à proposta escolar, problemas de aprendizagem dos conteúdos de linguagem e matemática entre outros. Os trabalhos sobre a escola de ensino médio noturna, incluídos no terceiro grupo, salientam as dificuldades do aluno trabalhador e sua frequência à escola noturna. São estudos sobre as desigualdades desse ensino, que tem como público alunos trabalhadores os quais enfrentam uma jornada diária de trabalho e chegam à escola com poucas condições físicas para dedicação aos estudos.

No âmbito dessa produção não identificamos estudos enfocam a escola a partir da Teoria das Representações Sociais (TRS). Como afirma Moscovici (2003) representações sociais constituem uma versão contemporânea do senso comum, um saber prático partilhado pelos sujeitos que orienta a sua interpretação do mundo. Tendo em vista a importância da escola de ensino médio para os jovens, bem como as mudanças introduzidas nesse nível de ensino em Pernambuco, reiteramos o potencial da TRS para captar os sentidos partilhados por estudantes acerca da escola de ensino médio.

2. METODOLOGIA

Para concretização do objetivo proposto desenvolvemos um estudo de campo com 33

estudantes do primeiro ano do ensino médio de escolas públicas, situadas em Recife, Olinda e Jaboatão dos Guararapes-PE. Os participantes foram selecionados considerando-se o tipo de escola em que estudavam, de modo a contemplar os matriculados em escolas de referência (EREM), escolas regulares (ER) e escolas técnicas (ET). Foram entrevistados 10 estudantes de EREM, 16 de ET e 07 de ER. A média geral de idade do grupo era de 16 anos. Localizamos esses sujeitos utilizando a estratégia de “bola de neve” ou em contato direto com esses adolescentes nas escolas. A “bola de neve” consiste em um sujeito indicar outro com o seu mesmo perfil para participar da pesquisa.

Como técnicas de coleta de dados, utilizamos um questionário sócio demográfico e uma entrevista semiestruturada. O questionário, aplicado aos sujeitos antes de iniciarmos a entrevista, teve por objetivo traçar um perfil dos participantes. A entrevista foi adequada ao estudo porque privilegia as significações atribuídas pelos estudantes aos objetos sociais e práticas.

Devido ao contexto de pandemia da Covid-19 e ao distanciamento social por ela imposto, 20 entrevistas foram realizadas de forma *online* e 13 ocorreram de forma presencial nas escolas em que os sujeitos estudavam. Os dados foram analisados utilizando-se a técnica de análise de conteúdo.

3. RESULTADOS DA PESQUISA

Os resultados da entrevista dão indicativos de representações sociais de escola de ensino médio pautadas nos seguintes eixos de sentido: *qualidade do ensino, abrangência da formação, boa convivência e infraestrutura deficitária*.

No que se refere à *qualidade* do ensino oferecido, o grupo pesquisado é quase unânime em reconhecê-la. Particularmente os que frequentam as escolas técnicas são enfáticos a esse respeito. Como referências favoráveis são destacadas principalmente a oferta do ensino técnico e suas possibilidades e o trabalho dos professores afirmam: “[...] minha escola é muito boa pra quem quer se profissionalizar [...] trabalha com coisas de *design*, como comunicação visual eu gosto bastante de lá”(S.3); “[...] o técnico é incrível, de verdade, os professores do técnico da ET são realmente muito bons vale a pena entrar!” (S.09); “escola muito boa, eu acho que a proposta dela também é muito boa porque já sai daqui com formação, com preparação, então realmente acho que é boa” (S.16), “[...] Eu acho uma escola boa, no geral eu acho também os professores ótimos, qualificados” (S.28).

Além disso, são destacados como aspectos de qualidade da escola a rigorosidade, as exigências e vantagens da formação técnica para ingresso no mercado de trabalho. Eis o que dizem: “[...] é exigente principalmente porque é uma ET, uma escola técnica, então tem uma carga horária de integral e técnico que é muito grande” (S.19); “[...] é uma escola muito boa, rigorosa e que pode te impulsionar bastante na vida profissional” (S. 20), “[...] é muito boa e

também um pouco puxada, mas eu já sabia...” (S.24).

Na maior parte das falas fica claro que os discentes de escolas técnicas, em suas representações, dão destaque a oferta do ensino técnico, sua organização e possibilidades de empregabilidade.

A *formação abrangente* a que têm acesso nas instituições de ensino médio aparece nas falas dos estudantes. Depreendemos que tal formação é ampla, não se restringe ao acesso aos conteúdos. Sobre esse aspecto disse um dos entrevistados: “[...] tem a visão muito ampla, porque ela trabalha muito também questões sociais e eu acho muito interessante” (S.06).

Outro aspecto destacado pelos estudantes foi a *boa convivência*, o acolhimento que tiveram ao ingressar na instituição e as relações entre colegas e professores. A esse respeito afirmam: “[...] ela é bem acolhedora, todo início de ano, antes de começar as aulas, a gente tem uma acolhida” (S.10); “[...] alunos tentam ajudar um ao outro, do segundo ao terceiro ano, então realmente é uma família exatamente essa escola” (S.17); “[...] eu gosto de conviver com meus amigos, na escola eu me divirto bastante” (S.05). De modo semelhante a esses resultados, Cerqueira (2011), em estudo sobre representações sociais de escola, reconhece esse espaço como de construção de conhecimento, desenvolvimento e socialização dos alunos.

Além de Cerqueira (2011) destacamos que na produção científica, diversos estudos ressaltam a interações sociais no espaço escolar. Por exemplo, Franco, Lucci e Infante (2011) afirmam que a escola não é apenas, um espaço de aprendizagem e de aquisição de conhecimentos, mas fonte de interação social. Também, Oliveira e Rower (2020) reiteram que para os jovens a escola é um lugar de acolhimento, de conhecimento e interações. Os resultados desta pesquisa corroboram o essa literatura.

Ao destacarem essa relação de boa convivência, falam da pandemia e do ensino como impactos à construção de relações afetivas mais sólidas. Como os estudantes estavam iniciando o ensino médio nessas escolas e de forma remota, as relações eram ainda de pouco conhecimento e familiaridade. Afirmam: “[...] Eu não posso dizer muito bem porque eu não tive muito contato” (S.20), “[...] não falo muito com muita gente” (S.26), “Eu acho o pessoal é bem tranquilo o que me surpreendeu, diferente das minhas outras escolas anteriores” (S.24).

Identificamos em menor número e restritas aos estudantes de escolas técnicas referências positivas à *infraestrutura* e condições gerais de trabalho e estudo nessas escolas. Alguns participantes falaram: “[...] eu sempre fui estudante de escola particular, né? Então eu não tinha consciência de como é que funcionaria uma escola pública, mas a escola tem infraestrutura, investem muito nela, ela é patrocinada” (S. 19); “[...] a estrutura dela é muito boa também” (S.22).

O que mais atrai os participantes da pesquisa na escola são a oferta de ensino técnico, perspectivas de ingresso no mercado de trabalho, os professores e os amigos. O que eles

menos apreciam nas escolas são os problemas de infraestrutura e organização. Destacam: “[...] infraestrutura porque tem certos lugares que estão meio degradados” (S.20); “[...] falta mais estrutura [...] tem algumas salas que o ar condicionado não funciona, falta uma cortina que é pra cobrir a luz do sol” (S.21).

A respeito desse resultado, o estudo de Vasconcelos et. al (2021), que associa infraestrutura escolar e desempenho dos estudantes de escolas públicas, revela melhorias da infraestrutura das escolas públicas brasileiras no período entre 2007 a 2017, todavia é comum nessas escolas a ausência de itens que assegurem seu melhor funcionamento.

Perguntamos aos participantes da pesquisa o que diriam sobre a escola em que estudam a outros adolescentes e jovens que desejam nelas ingressar. O conjunto de respostas a este questionamento variou conforme o grupo pesquisado. Os alunos de escolas técnicas destacaram a sobrecarga, extensão do turno, necessidade de uma disciplina de estudos. Os estudantes de escolas de referência e regulares relataram preocupações com as companhias; restrições à infraestrutura, qualidade do ensino e a necessidade de terem clareza em relação à escolha da escola e alguns sugeriram procurarem escolas de melhor qualidade, prioritariamente, as técnicas.

Das respostas a indagação acerca do que mais e menos apreciam nas escolas, bem como das dicas para futuros colegas sobre essas instituições podemos depreender representações sociais que são explicitamente mais favoráveis às escolas técnicas e mais restritivas as instituições escolares de referência e regulares. Ficou claro que os estudantes de escolas regulares compartilham representações mais desfavoráveis a escola de ensino médio que frequentam.

CONCLUSÃO

Entendemos representações sociais como fenômenos que circulam, cruzam e cristalizam-se constantemente por meio de uma fala, um gesto ou encontro do cotidiano e devem ser entendidos a partir do seu contexto de produção.

Em resposta ao objetivo proposto, inferimos que os estudantes de primeiro ano de ensino médio ouvidos na pesquisa que deu origem a este artigo, compartilham representações sociais de escola centradas na qualidade do ensino oferecido, abrangência da formação, a boa convivência no espaço e infraestrutura deficitária. Apesar dos problemas de cunho estrutural, a formação é valorizada reconhecida como superior à oferecida nas escolas de ensino fundamental em que estudaram.

Alguns são mais otimistas e elogiosos ao trabalho docente e outros compartilham críticas às suas atitudes e práticas no interior das salas de aula nas escolas. Convém dizer que

percebemos maiores referências críticas ao ensino e o espaço físico e social da escola por parte de alunos de escolas regulares de ensino médio. Os estudantes de escolas técnicas foram mais favoráveis ao ambiente escolar e ao ensino técnico profissional em que estão matriculados.

No conjunto dos depoimentos foi possível entrever uma hierarquização entre as escolas de ensino médio em que os estudantes estão matriculados. Sem dúvida, as escolas técnicas de referência são representadas como superior em qualidade para o conjunto geral dos entrevistados. São principalmente os estudantes das escolas regulares (sucateadas em diferentes aspectos) os que mais explicitam essa desigualdade no âmbito do ensino médio público.

Com base nos achados, sugerimos um repensar das políticas de ensino médio no estado de Pernambuco que, mesmo voltadas para inclusão da juventude, têm sido excludentes para grande parte desse grupo social.

REFERÊNCIAS

CERQUEIRA, T. C. S. Representações sociais da escola: percepção de professores de escolas públicas do Distrito Federal. In: **Anais do X Congresso Nacional de Educação- EDUCERE-**. PUC-PR, Curitiba, nov. 2011.

FRANCO, M.L. P; LUCCI, M.A; INFANTE, A. M. Representações sociais e habilidades de vida de alunos de escolas estaduais do Município de São Paulo/Brasil. **ANAIS do Congresso**

JODELET, D. **Loucuras e representações sociais**: Editora Vozes, 2005

KRAWCZYK, N.; FERRETTI C. J. Flexibilizar para quê? Meias verdades da “reforma”. **Revista retratos da escola**, Brasília, v.11, n.20, p.33-44, jan./jun. 2017.

(-----)

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais - Investigações em psicologia social**. Petrópolis, Vozes, 2003, 404p.

OLIVEIRA. I. A. ROWER. J. E. A socialização juvenil no espaço escolar. **Revista de Ciências Humanas**, v. 21, n.2, p. 62-76, maio/ago. 2020

PERNAMBUCO. Lei complementar 125, de 10 de julho de 2008. **Diário Oficial do Estado de Pernambuco – Poder Executivo**, Pernambuco, PE, 11 jul. 2008. p.3. Disponível em: <<https://legis.alepe.pe.gov.br/texto.aspx?id=5148&tipo=TEXTTOATUALIZADO>>. Acesso em 14 jan. 2020

VASCONCELOS. J.C. LIMA, P. V. P. S; ROCHA, L. A; KHAN, A.S. Infraestrutura escolar e investimentos públicos em Educação no Brasil: a importância para o desempenho educacional. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.** Rio de Janeiro, v.29, n.113, p. 874-898, out./dez. 2021
